



Boletim do Núcleo de Estudos de História e Filosofia da Ciência

Da Responsabilidade da Área Departamental das Ciências Exactas*

Número 1

Novembro de 1993

Nota de abertura

Rui Namorado Rosa

Nós que quotidianamente ensinamos e aprendemos, e assim comunicamos e reflectimos, repetimos um acto pessoal e colectivo ao longo dos tempos repetido. O conhecimento cria-se e recria-se em cada um de nós e em todos nós e em cada um para todos os outros.

O conhecimento mais profundo é o que se reconhece a si mesmo e a si mesmo se contesta. Os mecanismos através dos quais o conhecimento é reelaborado e progride quem os entende? Até que ponto temos deles percepção introspectiva? De que maneira e até onde nos apercebemos dos percursos históricos percorridos e do envolvimento sócio-cultural actuantes sobre o conhecimento adquirido e processado por cada qual e pelas comunidades em que vivemos?

Não há Ciência “inteira” que não comporte a sua história e a sua crítica. Ciência não é o conhecimento instantâneo

da realidade total. Estes constrangimentos condicionam a sua dinâmica, as metodologias daqueles que a recriam e transformam bem como o próprio alcance da sua “verdade” e do seu impacto.

Nós que estudamos a realidade sob alguma das suas muitas facetas temos que avaliar a Ciência que é objecto do nosso labor profissional no quadro da sua elaboração histórica, colectiva e pessoal. E o processo de ensino-aprendizagem deve incorporar essa reflexão para que formemos jovens verdadeiramente cultos, críticos e aptos à mudança.

Para partilharmos as nossas dúvidas e reflexões nos juntámos e constituímos este Núcleo de Estudos. Esperamos, assim, melhorarmo-nos a nós próprios e melhorar o conteúdo e alcance do nosso trabalho profissional. Através do confronto de “certezas” adquiridas e dúvidas suscitadas, independentemente

*Com o apoio do Pólo do Projecto MINERVA da Univ. de Évora

do âmbito dos nossos vários officios, vamos procurar ir um pouco mais longe no entendimento do valor dos nossos conhecimentos e da nossa capacidade de investigar e de ensinar.

Tencionamos constituir um núcleo bibliográfico e documental especializado, promover a circulação de informações e reflexões oportunas, organizar reuniões científicas e debates e estimular o trabalho de jovens investigadores no domínio de

estudo que aqui nos une.

O Núcleo de Estudos de História e Filosofia da Ciência inicia agora, através da publicação deste boletim, o seu contacto com um círculo mais amplo de especialistas ou amadores de História, Filosofia e Epistemologia da Ciência e a eles abre as portas, para que conosco partilhem este nosso gosto de questionar os saberes de que somos efémeros portadores e artífices.

“XIXth International Congress of History of Science”

A Sociedade Espanhola de História das Ciências e das Técnicas, sediada em Saragoça, foi a entidade responsável pela organização do “XIXth International Congress of History of Science, que decorreu naquela cidade entre 22-29 de Agosto de 1993.

As sessões de trabalho desdobraram-se por várias iniciativas de âmbito científico: simpósios, conferências, secções científicas, painéis temáticos e uma exposição bibliográfica. Paralelamente decorreram actividades organizadas por várias secções internacionais de Associações de História da Ciência.

A semana do Congresso proporcionou a todos os participantes tomar contacto com especialistas das várias áreas do saber, inteirar-se dos novos campos epistemológicos de História da Ciência, aferir metodologias de trabalho, e também usufruir de uma agradável e proveitosa sociabilidade científica.

Uma tarde com... Arte e Ciência

(4 de Dezembro de 1993, a partir das 14h e 30min)

Numa iniciativa conjunta do Pólo da Universidade de Évora do Projecto Minerva com o Museu de Évora decorrerá, neste, um encontro entre a população em geral e cientistas, filósofos e historiadores de arte. Este encontro desenvolver-se-à em torno de comunicações convidadas e de um momento de convívio.

Newton e a sua época

No dia de Natal de 1642, nasce Isaac Newton. As suas contribuições maiores em ciência - a teoria da gravitação e o cálculo infinitesimal - fizeram com que o estudo histórico, ligado ao 250º aniversário do seu nascimento, e também ao duplo centenário dos *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, trouxesse para a actualidade esta figura ímpar.

O Núcleo de da Ciência da Évora optou pois primeira realização nos dias 28 e 29 de aproveitando uma actividades
Esperamos uma dúzia de convidados que se quatro sessões

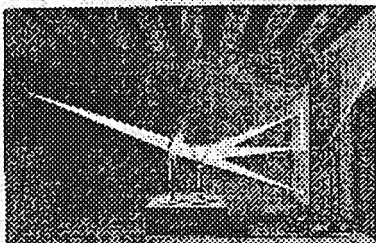
- Obra ton (essencialmente matemática).

- Difusão (um tema que inclui, traduções e também aqueles que Leibniz, Berkeley, do seu pensamento,

- Newton em Portugal (aonde é possível traçar as etapas e as resistências institucionais, numa perspectiva histórica; assim como o seu lugar, hoje, na sala de aula).

- O outro Newton (com relevo para a influência da filosofia hermética na parte final do seu labor).

Para além das conferências este encontro promoverá, também, uma exposição bibliográfica e a apresentação de documentação audio-visual.



TRAITÉ D'OPTIQUE, SUR LA LUMIERE ET LES COULEURS

LIVRE PREMIER,
PREMIERE PARTIE.



ON deffin dans cet Ouvrage, n'est pas d'expliquer les propriétés de la Lumière par des Hypothèses, mais de la exposer naturellement, & par des Experiences. Dans cette vue je me contenterai par proposer les Définitions & les Axiomes Suivants.

*"Nature, and Nature's Laws lay hid in Night.
God said, Let Newton be! and All was
Light."*
A. Pope

História e Filosofia Universidade de por lhe dedicar a sua pública, a decorrer Janeiro de 1994, pausa das académicas. conseguir reunir conferencistas distribuirão por temáticas: científica de New- em física e em

do newtonianismo não só as suas influência, como se lhe opuseram - etc. - e a posteridade no séc.XX).

No decurso dos anos 1665 e 1666 quatro anos após a sua admissão, como estudante, no Trinity College em Cambridge, Newton realizou as suas primeiras experiências sobre a decomposição espectral da luz branca e progride decisivamente no estabelecimento da lei da Gravitação Universal; ele próprio, muito mais tarde, numa carta o confessa: “(...) *tudo isto se passou nos anos da peste de 1665 e 1666, pois nesses dias estava eu no auge da idade propícia à invenção e ocupava-me de Matemática e Filosofia mais que em qualquer outra coisa desde então(...)*”. Todo este labor só viria ser do conhecimento público em 1687, com a publicação dos *Principia*, e em 1704, com o aparecimento da *Óptica*. Mas outras coisas o deveriam ocupar desde então no isolamento dos seus aposentos do Trinity College de onde sai, em 1696, para dirigir a Casa da moeda em Londres. O fruto de toda essa actividade, de toda essa intensa ocupação intelectual, emalado num baú, acompanhou o seu autor enquanto ele viveu e perdeu-se no limbo do esquecimento após a sua morte. Só em 1936, por ter sido posta em venda num

leilão, o seu conteúdo é conhecido: a par de alguns escritos científicos surgem aos olhos de todo o mundo uma vasta obra de alquimista, teólogo, exegeta na história bíblica e algo mais que o futuro revelará, já que alguns dos seus manuscritos permanecem ainda hoje completamente desconhecidos.

É perante o conteúdo do baú, obra cujo carácter póstumo talvez fosse intimamente desejado pelo grande criador do método científico, que Loup Verlet, físico teórico do CNRS, procura aprofundar e discutir o conteúdo das contribuições científicas fundamentais de Sir Isaac.

Belo, eficaz, em pleno acordo com as observações experimentais, a formulação matemática de Newton escamoteia o espírito, o propósito forte que o animou ao longo de toda a vida: não lhe bastava ter entendido de uma forma global o movimento de qualquer corpo, desde o simples seixo de praia ao cometa de mau presságio; era necessário entender a causa primeira, aquela que sustenta a existência das leis físicas descobertas. Porque para qualquer cientista a gravitação universal satisfá-lo plenamente, ir mais além é mergulhar na

metafísica, é entender o oculto, é, no fim das contas, ser surpreendido em ácido diálogo com o seu próprio baú. Não admira, portanto, que para Newton tenha sido difícil equilibrar-se entre o mundo material e o mundo transcendental.

Porquê manifestar interesse pelo mundo quimérico e mágico que Newton, discretamente, procurou ao longo de toda a sua vida, em alternativa com o interesse da sua obra científica, matematicamente rigorosa? Verlet retorque: “(...) *Aos espíritos positivos que me recriminam esta tomada de posição bizarra, respondo que se me interessa pelas questões que incentivaram Newton, é mais pelo modo como ele as formulou ou pelas respostas que deu, do que para realçar o contraste entre a importância subjectiva que ele lhes atribuiu e a repugnância de contemporaneamente as abordar (...)*”.

É com a descoberta dos manuscritos do baú, *La malle de Newton*, que é possível juntar uma terceira dimensão ao protagonismo revolucionário das ideias newtonianas. Ao significado dos princípios da mecânica no entendimento do movimento universal e à assunção da matemática como a linguagem própria para uso da física, é necessário juntar, no contexto histórico da época, a posição individualista de Newton na sua relação com o transcendente “*que provocou o deitar por*

terra e estilhaçar dos princípios religiosos que até aí eram o sustentáculo global da ordem sociopolítica”.

Se a curiosidade de Pandora libertou da sua caixa os males que viriam a afligir o homem, apesar dos sábios conselhos de Prometeu, também ela fez soltar do baú o entendimento complexo “*do lugar que a física ocupa na vida de Newton e no conjunto da sua obra*”, apesar das resistências de muitos em compreenderem esse “*inconsciente da comunidade científica*” que permaneceu secreto ao longo de quase três séculos.

Lavoisier 1743-1794

Em 1994 passam 200 anos sobre a morte de Lavoisier: em 1794 “un tribunal politique tue Lavoisier mais son tribunal scientifique décide la mort historique des autres chimistes, qui ne s’opposèrent point à sa condamnation (...). Voilà comment l’histoire des sciences révisé continuellement les procès en instaurant une sorte de tribunal mobile, laissant ouvertes les décisions (...)”

(M. Serres, 1989)

La Ciencia y su Público: Perspectivas Históricas. Compiladores Javier Ordoñez y Alberto Elena, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.

A historiografia tradicional habitualmente ocupa-se dos artífices da ciência em detrimento dos seus destinatários. Um público cada vez mais alargado e diversificado; esse é objectivo deste livro ao lado das diferentes modalidades de difusão dos conhecimentos científicos.

Balço do Século, Ciclo de conferências promovido pelo Presidente da República, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

Um balanço estabelecido pela voz da Filosofia, da Literatura, da Ciência, com o objectivo de reflectir sobre os problemas do Homem, do Conhecimento e do domínio da Natureza.

A Ciência como Cultura, Colóquio promovido pelo Presidente da República, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992.

Vários conferencistas deram o seu contributo ao mote “ciência como cultura, um diálogo internacional, a muitas raças, sem diferenciação de raça, de credo, de continente ou de opinião política”.

Dhombres, N. e J., Naissance d'un nouveau pouvoir: sciences et savants en France 1793-1824, Paris, Éd. Payot, 1984.

Um estudo resultante das comemorações do bicentenário da Revolução Francesa - a passagem de um mundo “sábio” ao estatuto de comunidade científica, mobilizado pela causa da República.

Gago, J. M., Manifesto para a Ciência em Portugal, Lisboa, Gradiva, 1990.

Este Manifesto apresenta-se como um ensaio e visa propôr uma análise de “estratégias de desenvolvimento científico baseadas na renovação da educação, na criação de cultura científica, na ruptura do isolamento científico português - isolamento face ao estrangeiro mas, igualmente, isolamento social e cultural, económico e político, da ciência no próprio país”.

Puerto Sarmiento, F. J., Ciencia de Cámara, Casimiro Gómez Ortega (1741-1818), El Científico Cortesano - Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992. A biografia de um cientista, dentro das novas tendências de História da Ciência. Casimiro Gómez Ortega personagem da Ilustração, executante dos planos científicos da Coroa espanhola no final do séc. XVIII e dealbar do séc. XIX.

Polanco, X. (Sob a direcção de), Naissance et Développement de la Science-Monde. Production et reproduction des communautés scientifiques en Europe et en Amérique Latine, Paris, Édition La Découverte - Conseil de l'Europe, Unesco, 1990.

Rossi, P., Las Arañas y las Hormigas. Una apologia de la historia de la ciencia, Barcelona, Ed. Crítica, 1990.

A metáfora das aranhas - os racionalistas - e das formigas - os empiristas - serve de ponto de partida a uma reflexão sobre as relações entre ciência e filosofia e historiadores da ciência.

Sorel, T. La Cultura Científica. Mito y Realidad; Barcelona, Ed. Peninsula, 1993. Nesta “cultura científica” critica-se a tendência cientifista da filosofia, mas não desvirtuando o saber da Ciência. Em contrapartida pretende o autor revalorizar as artes e as Humanidades.

Poesia da Ciência. Ciência da Poesia, Textos reunidos e organizados por Marc-Ange Graff, Colóquio organizado na Universidade dos Açores, Lisboa, Escher, 1991. Conjunto de contribuições sobre a imaginação (e o imaginário) científica e a componente de criatividade na ciência e na poesia.

Thomas, A. (Sob a direcção de), La Société Philomathique de Paris et Deux Siècles d'Histoire de la Science en France, Colloque du Bicentenaire de la Société Philomathique de Paris, Paris, Presses Universitaires, 1990.

Uma obra colectiva que reúne diversificadas contribuições sobre a sociabilidade científica, que desde 1788 se manteve fiel à divisa “Étude et Amitié”, personalizada na Sociedade Filomática de Paris.

Acerca de “Émilie, Émilie - l’ambition féminine au XVIIIème siècle” de Elisabeth Badinter*.

MARIA AMÉLIA CUTILEIRO INDIAS

Não se trata de um livro recente, mas julgo que é pouco conhecido em Portugal. E porque, sobre este tema, ou seja, o papel das mulheres na História da Ciência, também não abundam as publicações, parece-me útil tecer-lhe alguns comentários.

Dada a extensão e profundidade do texto, difícil se torna realçar, em poucas palavras, o essencial da obra. Limitar-me-ei, pois, a abordar, apenas, alguns aspectos da obra científica de uma das duas mulheres estudadas por Badinter: a marquesa de Châtelet. Quanto à de madame d’Épinay (1726-1779) cuja vida e obra é analisada, em paralelo, com a da marquesa de Châtelet, apenas referirei que se situou no campo da Pedagogia, com especial ênfase na educação das raparigas, para as quais ela desejava independência e autonomia resultante de uma sólida preparação escolar, até então incipiente. Émilie é a personagem principal do seu livro, em oposição ao Émile de J. J. Rousseau.

A marquesa de Châtelet (1706-1749), de seu nome de solteira Gabrielle Émilie de Breteuil, pertencia a uma família nobre e rica. Seu pai, inteligente e liberal, incentivou-a nos estudos, proporcionando-lhe todos os meios para ela satisfazer a sua enorme vontade de saber, nomeadamente em disciplinas como Matemática e Metafísica (nessa época as Ciências Exactas não possuíam ainda autonomia), para as quais lhe arranjou bons professores. Este procedimento, raro na época em relação à educação das raparigas, contribuiu para que Émilie muito jovem ainda se tornasse detentora de uma vasta cultura (aos 17 anos já havia lido, no original, Horácio, Virgílio, Lucrecio, Cícero, assim como o filósofo inglês Locke, que ela admirava). Por outro lado desenvolveu nela uma enorme confiança nas suas próprias capacidades. Voltaire que a conheceu, com pouco mais de dez anos, em casa de seus pais, recorda nas suas “Memórias”, essa menina estudiosa e séria, afirmando,

* Badinter, E., *Émilie-Émilie - l’Ambition Féminine au XVIIIème Siècle*, Flammarion, Paris, 1983.

em dada altura: “Seu pai mandou-a aprender latim, língua que ela dominava como madame Dacier”. Com Fontenelle, frequentador da casa de seus pais e autor de um livro de divulgação científica intitulado “Entretiens sur la Pluralité des Mondes”, que Émilie, com pouco mais de dez anos já havia lido, mantinha conversas prolongadas, pedindo-lhe explicações de Física e de Astronomia. O próprio Fontenelle proporcionava-lhe a leitura de certas comunicações à Academia das Ciências, como, por exemplo, as de Cassini (astrónomo do séc. XVII que descobriu dois satélites de Saturno).

Gabrielle Émilie de Breteuil desenvolveu-se pois, num ambiente cultural excepcional. Aos 19 anos casou-se com o marquês de Châtelet e saiu de Paris, fixando residência em Semur, onde o marido era governador. Após vicissitudes de natureza vária (maternidades, regresso a Paris, sem o marido, abandono do estudo por três anos, durante os quais se dispersa numa vida social intensa de festas na côrte e recepções mundanas) retoma a pacatez da vida de província, desta vez no castelo do marido, em Cirey, onde fica a viver com Voltaire. Retornando ao estudo e com a ambição de ser a primeira sábia do seu tempo, Émilie trabalha arduamente, fazendo

rodcar-se das maiores sumidades, as quais a orientam na aprendizagem da Física, da Matemática, da Geometria.

Em pouco tempo fica em condições de discutir com os seus mestres as ideias mais avançadas do século.

Corresponde-se, assim, com Maupertuis, Algarotti, Clairaut, Wolf, Euler, Jurin e o “père” Jacquier. Este último intercede junto do Instituto de Bolonha para que nele seja admitida como cientista.

Clairaut que foi seu mestre em Geometria e Astronomia, reconhecia em Émilie uma excepcional inteligência.

Entusiasta da Física de Newton, entra na polémica científica que opõe, no século XVIII, os adeptos da Física de Descartes aos da de Newton.

Concorre ao primeiro prémio da Academia das Ciências com uma “Memória Sobre a Natureza do Fogo”, publicada em 1744 (Prault, Paris); mesmo que não ganhasse, esperava ver reconhecido o seu valor de cientista.

Em 1740 é publicado o seu livro “Institutions de Physique” (Prault, Paris).

Em 1744 inicia a tradução dos “Principia” de Newton: “Principes Mathématiques de la Philosophie Naturelle”, os quais só são publicados em 1759, dez anos após a sua morte.

Desigualdades Regionais em Filosofia e em Ciência

José Carlos Tiago de Oliveira

- Science and Philosophy in the Soviet Union - Loren R. Graham, Allen Lane, London, 1973.
- Sur la "Philosophie africaine" - Paulin J. Hountondji, Éd. Clé, Yaoundé, 1980.
- Enseñanza de la Filosofía y Investigación Filosófica en África - Aa. Vv., Serbal/Unesco, 1984.
- Teaching and Research in Philosophy: Asia and the Pacific - Aa. Vv., Unesco, 1986.
- La Enseñanza da Reflexión y la Investigación Filosóficas en América Latina y en el Caribe - Aa. Vv., Tecnos/Unesco, 1990.
- La Philosophie en Europe - eds. R. Klibanski, D. Pears, Gallimard/Unesco, Paris, 1993.

I - Embora se definam como empresas universais, a Ciência e a Filosofia, pelo facto de terem uma história, assumem actualmente pronunciadas diferenças regionais. A presente nota de leitura incidirá sobre a interrelação entre o factor geográfico e as ideologias professadas no meio universitário de diferentes nações.

II - É sobre um vasto país já desaparecido que se debruça o estudo de Loren Graham, e de como a filosofia do materialismo dialéctico condicionou o desenvolvimento dos vários ramos da ciência - o grande relevo dado à cibernética, a posição realista em mecânica quântica, as explicações

cosmogónicas não criacionistas (por oposição à escola inglesa).

Analisa-se também os "dead ends" de pelo menos duas ciências, a psicofisiologia marcada pela escola reflexológica, e a genética onde persistiu a dogmática de Mitchurin e Lysenko. O trauma, nesta área, terá continuado: a prová-lo, o facto de, em plena perestroika, no International Congress of Logic, Methodology and Philosophy of Science de Moscovo, 1987, não ter havido nenhuma intervenção soviética (em língua inglesa) a discutir o tema.

Desconhecemos se o estudo de Graham mereceu alguma actualização; vale no entanto lembrar que, na altura de

maior crispação associada ao projecto da “Guerra das estrelas”, a missão deste historiador em Moscovo foi a primeira a ser cancelada por um dos governos envolvidos...

III - Igualmente de muito forte politização é o argumento do professor do Benin e actual presidente da Sociedade Africana de Filosofia. O subtítulo do livro indica que se trata de uma crítica à Etnofilosofia. Contemporânea de N’Krumah e da emergência dos nacionalismos em África, a ideia de uma Filosofia Banto, associada às categorias da linguagem deste grupo étnico e analisada como fruto do labor missionário de Alexis Kagame e Étienne Tempels. Paralelamente, um estudo de detalhada cosmologia dogon pelos antropólogos Marcel Griaule e Germaine Dieterlen (*Le Dieu d’Eau*) faz pensar no seu informador de terreno, o velho cego Ogotemmelli, como num “Sócrates africano”. São teses contra as quais Hountondji se insurge, ressaltando que a sagesa africana não tem um suporte escrito e é aforismática, não se comprazendo com o deleite analítico próprio das tradições indo-europeia e semita, que levaram à filosofia, como ela é geralmente entendida.

IV - A posição de Hountondji é, no entanto, minoritária no volume que a Unesco dedica à filosofia em África, e da qual ele é o principal organizador. A

metodologia seguida é essencialmente a divulgação de um longo inquérito às instituições e personalidades, filosoficamente envolvidas. De 1500 questionários enviados, terão sido respondidos 300. Esta significativa amostragem permite identificar algumas linhas-força:

- a maior formação filosófica nos países francófonos, causada pela existência, em cada um deles de pelo menos um Liceu Francês, o que se exprimirá posteriormente na existência de departamentos universitários, revistas próprias e Sociedades de Filosofia. Fenómenos ausentes, ou tardios, na África anglófona.

- Uma maior uniformidade e profundidade dos estudos nos países islâmicos, por evidentes razões de natureza religiosa. Neste âmbito, o destaque vai para o Egipto.

- Uma forte correlação entre o ensino da filosofia e o da política, nomeadamente em regiões não democráticas.

- Um caso singular, o da Etiópia, onde Charles Sumner revela a existência de uma riquíssima tradição de filosofia sobretudo moral, associada ao antigo rito cristão.

O silêncio, a que são votados neste livro, não faz brilhar os países de expressão portuguesa - e é justo lembrar aqui quanto

os 2 anos da disciplina de Filosofia poderão ter marcado os pensadores portugueses nascidos em África, a exercerem na Europa. Mas faltou uma tradição universitária. a passagem de Délio Santos por Angola foi tardia, o doutoramento de Morais Barbosa em Moçambique um acto isolado, e a tentativa do Seminário de Praia de criar estudos superiores em Filosofia, após a independência, frustrou-se por nenhum dos formandos ter chegado ao fim. E verificar-se-à como, em 1993, apenas um país, Cabo Verde, haja claramente optado por vir a dar um lugar académico à Filosofia - com esse nome na formação dos seus professores.

V - E, no entanto, meio século mais cedo, a deslocação de personalidades relevantes marcou a inflexão no estudo e na investigação em Filosofia da Ciência em todo o Oriente. Citarei a ida de Bertrand Russell à China, a de Popper à Austrália, a de Quine à Turquia.

O volume sobre a Ásia e o Pacífico tem uma metodologia diferente do anterior, que vai ser comum aos restantes livros em análise - apresenta-se como um somatório dos relatórios de cada país. Ao lê-lo, ressalta a diferença na qualidade de quem os escreveu - e a ausência deste predicado não nos permitirá retirar qualquer conclusão útil sobre o que seja a filosofia na Índia, Vietname ou China.

Por exemplo, no caso desta última, a confrangedora pobreza do relatório não permite adivinhar a exótica variedade de modelos transversais às várias ciências que o congresso de 1987 em Moscovo terá permitido, porventura pela primeira vez, exhibir no exterior da Grande Muralha. Mas também não é decerto nesse exotismo que reside o cerne filosófico do milenar império.

Os grandes invariantes que deste volume se podem adivinhar serão os seguintes:

- como regra geral, a irrelevância do que é a Filosofia num país para os outros que lhe estão adjacentes
- a existência de um modelo “ocidental puro” em lugares como a Austrália e o Japão
- a “filosofia amordaçada”, aparente na China, Irão e Vietname
- a difícil gestão de relação entre religião e filosofia, emergente na Índia, Coreia, Sri Lanka e Tailândia
- a sábia conciliação entre o factor nacional ou ideológico e aquilo que a filosofia é no resto do universo - ou seja, o equilíbrio entre o religioso e o ocidental
- de tradição vienense- na Turquia, a procura dos precursores, no Islão local, da visão materialista na Ásia Central soviética, a comparação entre o pensamento de Iqbal e todos os outros, no Paquistão

- enfim, um descomplexado sincretismo como aquele que permite imbrincar a etnofilosofia maori com a tradição anglo-saxónica na Nova Zelândia, ou o ensino que, no Bangladesh, dá igual lugar à influência de cada uma das civilizações que por lá passaram.

Notará o leitor arguto que esta simples ordenação implica tomada de posição e preferência. O que não acontece no texto de T. Izusu, que conclui o volume: “a estruturação semântica da cultura - de um ponto de vista asiático” - Um documento inspirado, a sugerir um contraponto ao “ethos” ocidental.

Um outro aspecto, já posterior à edição do volume, é a expansão do turco como língua filosófica. Talvez por ser a única nação islâmica laica, talvez porque os povos da maioria das repúblicas ex-soviéticas falam variantes do turco, a sua expansão, por via erudita, como idioma universitário, é o natural contraponto ao alastramento das correntes fundamentalistas, que mais facilmente se exprimem em árabe ou em persa; e é assim que vemos Teoman Durali, um pensador turco, a criar, hoje, a disciplina de Filosofia da Ciência na distante Malásia.

VI - Menos variadas parecerão ao leitor as páginas do volume dedicadas à América Latina. Começamos pelas excepções:

- o Haiti, onde os temas filosóficos são a negritude e o vudu.

- as Caraíbas de língua inglesa, aonde as referências mais fortes parecem seras de uma cultura de diáspora (Naipaul) e um cuidado com a filosofia da arte.

- o Brasil, aonde até muito próximo de nós a filosofia portuguesa se exprimiu (com destaque para António Vieira, e mais tarde Silvestre Pinheiro Ferreira). Este tem sido aliás objecto de estudos, publicados em Portugal, de autores como António Paim e Miguel Reale; um outro aspecto desta relação, agora na matemática, é tratado na dissertação de Clóvis Pereira da Silva com exaustão.

A regra geral, para além destes detalhes, na totalidade da América Latina é a de uma cultura filosófica de base espanhola, iniciada pela conexão à igreja, expressa pelo eco das traduções do alemão, culminando com uma leitura, em sincronia com o velho continente, de Unamuno e Ortega.

De relevo a grande importância concedida à lógica; a influência do positivismo, por exemplo no Brasil e no México, por razões políticas; e a reacção antipositivista, expressa no México por revistas como a Uroboros.

Neste país, curiosamente, as riquíssimas culturas imperiais não levaram a um sincretismo do tipo da etnofilosofia. Ocorreu, inversamente, um

outro tipo de integração, entre a pesquisa antropológica e a arqueologia, como partes da história.

VII - O volume sobre o velho continente é o mais difícil para a leitura rápida de quem não for filósofo de profissão, já que é o único a ferver de referências actuais.

Centrar-se-à, talvez, sobre a total heterogeneidade das problemáticas actuais nos tradicionais centros da filosofia - França com o desconstrucionismo, Alemanha ainda em torno a Heidegger, e um Reino Unido sempre de tradição analítica. Ressaltará a vitalidade das pequenas nações - a Polónia interessada pela "metodologia" e pelos valores, a Bélgica e a Suíça com duas comunidades filosóficas rivais e divididos pela língua. Os países nórdicos emergem como um bloco, e as consequências filosóficas da transição de regime são bem explicitadas no caso da Checoslováquia, e são-no mal em relação à Rússia.

Um mesmo autor, Alain Guy, de Toulouse, onde dirige o Instituto de Filosofia Ibérica, traça os retratos actuais de Portugal e Espanha. Esta aparece como uma grande nação filosófica, investigando em todos os seus campos.

O que é dito sobre Portugal merece-nos alguns reparos críticos, apesar de todo o respeito que devemos à pessoa

e obra deste Professor. Cremos que, para além de erros menores, como a ordenação temporal dos Professores de Lógica em Lisboa, ou a instituição onde leccionou o autor de "Itinerários de Racionalidade" (p.358), há neste estudo uma falta de hierarquia. Não é distinguida a História de Ideias da Filosofia (o que seria louvável, se fosse uma opção explicitada). São referidos, a par de filósofos, e num texto corrido, autores mais conhecidos como matemáticos - p. ex. Bento Caraça - ou psiquiatras - p. ex. Barahona Fernandes - o que carece também de um comentário elucidativo.

Mas, sobretudo, não é distinguido o trigo do joio, a melhor e a pior filosofia sucedem-se, por vezes, na mesma linha.

As referências parecem ser sistematicamente mais correctas no âmbito da filosofia de matriz religiosa, mas julgo que ignoram a centralidade de 4 factos fundamentais:

- a tradição da Filosofia Portuguesa, intimamente ligada à filologia, é não académica;

- é tranquila, pouco inovadora, e sem projecção internacional, a produção das 4 universidades onde a filosofia é feita até à emergência das novas universidades;

- há uma outra linha não académica de filósofos, ligada à contestação política, que hoje vai perdendo a sua razão de ser;

a revolução, ou reacção filosófica, que aparece poucos anos mais tarde, configura-se essencialmente, na actualidade, em 3 departamentos e uma secção autónoma da Universidade Nova de Lisboa, em quatro novas revistas (Análise, Argumento, Crítica, Comunicação e Linguagens), num movimento editorial significativo, e pela primeira vez, cremos, em toda a história da sua filosofia, por um significativo impacto à escala europeia.

Acresce a sempre actual análise da reforma dos curricula liceais, de

elevada carga horária em relação ao contexto europeu, no debate do qual tiveram preponderante expressão as forças políticas e religiosas. A actualidade deste último ponto é reposta, no livro que comentamos, na pergunta de Helgenbrock, posta à cerca do ensino da Filosofia: “périmé ou indispensable?” - e neste artigo a referência ao caso português está “périmé”, por ser feita em 1988, num momento em que se pretendeu substituir a ciência de Platão por uma “história das ideias e das culturas”.

Colaboraram na edição deste número:

Augusto Fitas
Fátima Nunes
J. C. Tiago de Oliveira
Maria Amélia C. Indias
Mariana Valente
Rui Namorado Rosa

Toda a correspondência deverá ser endereçada para:

Núcleo de Estudos de História e Filosofia da Ciência
Área Departamental das Ciências Exactas
Universidade de Évora
Largo dos Colegiais, 2 7000 ÉVORA

...sans doute nous ne saurons jamais
d'où nous vint le Savoir,
parmi beaucoup de sources possibles:
voir, entendre ou observer;
parler, plaider, contredire;
contrefaire, imiter, désirer, haïr, aimer;
avoir peur et se défendre,
hasarder, prendre des risques, des paris,
vivre et travailler ensemble ou séparés,
vouloir dominer par possession ou maîtrise;
apaiser la douleur, soigner les maladies

ou tuer par meurtre et guerre;
s'étonner devant la mort,
prier jusqu'à l'extase;
fabriquer avec ses mains,
aménager la Terre ou détruire...

...et nous nous inquiétons d'ignorer
vers lesquels de ces actes, de ces verbes, de ces états
ou vers quels autres buts, inconnus,
il se hâte, maintenant, sans le savoir...

Michel Serres

Uma Tarde com... Arte e Ciência - Museu de Évora, 4 Dezembro 1993 (“Entender a Beleza e a Beleza do Entendimento” R. Namorado Rosa, “A Geometria na Pintura e o Espaço na Teoria da Relatividade” A. Nunes dos Santos, “Escher: um Artista que Antecipou a Ciência” J. C. Tiago de Oliveira, “Fazer Ver as Ciências em Museus” Ana Luísa Janeira, “Ver” J. Luís Porfírio). Contacto: Polo do Projecto Minerva da Universidade de Évora, tel. 26467.

Newton e a sua Época - Universidade de Évora, 28-29 Janeiro 1994.

O Caos - Fundação Calouste Gulbenkian, 25-26 Fevereiro 1994 (Matemática e Física - Isabelle Stengers J. Petitot, M. Feigenbaum, J. Sousa Ramos, J. C. Tiago de Oliveira, entre outros; Estética - José Gil, Filomena Mölder e C. Buci-Glucksman, entre outros; Psiquiatria e Etnopsiquiatria - A. Bracinha Vieira e outros; Teorias Políticas)

Colóquio Sociedade, Ciência e Valores: Que Desenvolvimento? - Fundação Calouste Gulbenkian, 28 Fevereiro e 1 Março 1994. Contacto: Prof^a. Doutora Ana Luísa Janeira, Faculdade de Ciências de Lisboa, Departamento de Química, Bloco C1, 5^o andar, Rua Ernesto de Vasconcelos, 1700 Lisboa, Fax - 7599404.

European Conference on Science and Theology - Freising e Munich, 23-27 Março 1994. Contacto: K. H. Reich, Pädagogisches Institut, Rte des Fougères, CH-1700 Fribourg, Switzerland.

Bicentennial Commemoration of the Death of Antoine Lavoisier - Paris, 3-6 Maio 1994. Contacto: Bicentenaire Lavoisier, Académie des Sciences, 23 Quai Conti, 75006, Paris France.

Healing, Magic and Belief in Europe, 15th-20th Centuries : New Perspectives - University of Amsterdam, 21-25 Setembro 1994. Contacto: Marijke Gijswijt-Hofstra, Department of History, University of Amsterdam, Spulstraat 134, 1012 VB Amsterdam.

International Conference Thinking Science for Teaching: The Case of Physics - Università “La Sapienza”, Roma, 22-27 Setembro 1994. Contacto: Patrizia Maiolo, Laboratorio di Didattica delle Scienze, Dipartimento di Fisica - Università “La Sapienza”, Pte Aldo Moro, 2 - 00185 Roma.

Colloque Internatinoal Les Enfants du Siècle. Sciences et Savants dans la France de l'Époque Romantique (1815-1830) - Université de Nantes, Outubro 1994.